

CADERNO DE RESUMOS

O PONTO DE VISTA
DA PERIFERIA

Vinte anos do livro
Ressentimento da Dialética
de Paulo Arantes

13 a 16 de dezembro
de 2016



“A propósito desse movimento de transposição (que Marx denominava “traduzir para o alemão”) seria o caso de se assinalar uma *Verstellung* às avessas (e quase na mesma direção em que Hegel empregou o termo), um deslocamento que ao dissimular revela, como se as ideias fora de foco ganhassem em nitidez, deixando transparecer sua fragilidade ideológica.”

Paulo Arantes, “Ideia e Ideologia” [1975] in *Ressentimento da Dialética*. Rio de Janeiro; São Paulo: Paz e Terra, 1996, p. 365.

“Tratava-se de uma história da modernização através da *intelligentsia*, que procurava mostrar como se dá a passagem do iluminismo para a dialética, e como, já no iluminismo, há dialética. Comecei com os franceses e depois passei para a Alemanha, ou seja, tratei de como os franceses são refratados na Alemanha, e de como a dialética apareceu para dar conta dessa refração, desse deslocamento. Então comecei com um ensaio sobre a invenção hegeliana da dialética dos intelectuais na Ilustração francesa, como isto era decantado numa espécie de “Questão de Método” e culminava no êxtase intelectual durante o Terror jacobino. Eu procuro mostrar como esse êxtase intelectual foi refratado na Alemanha, numa espécie de lógica interna fantasmagórica das ideias. Depois disso, eu trataria dos italianos e de Gramsci, passaria para a Rússia (embora o caminho real fosse o inverso), mostrando como os franceses e os alemães foram lidos por lá. Para isso, eu teria de estudar todos os publicistas, a radicalização da *intelligentsia* russa e, sobretudo, a figura do intelectual nos grandes romances russos do fim do século XIX, em Dostoiévski e Tolstói. Sem falar noutras periferias europeias. Até sobre Portugal escrevi alguma coisa e engavetei. Mas todo esse programa iria consumir uma vida inteira.”

Paulo Arantes. “Conversa com um filósofo zero à esquerda” [2000] in *Zero à esquerda*. São Paulo: Conrad, 2004, p. 272.

QUESTÃO DE ATUALIDADE (abertura) – terça, 13, das 14:30 às 18h

Debatedor: prof. André Carone (UNIFESP)

Abertura: Fernando Vidal (USP)

Silvio Rosa (UNIFESP)

PERIFERIA DO MODERNO – terça, 13, das 19:30 às 23:00h

Debatedor:

Alex Calheiros (UNB)

Cristiana Cardachevski (USP)

Carlos Eduardo Jordão Machado (UNESP)

ESPÍRITO DE CONTRADIÇÃO ORGANIZADO – quarta, 14, das 11 às 13h

Debatedor: Eduardo Socha (USP)

Questão de tato: a formação da filosofia de Hegel e o projeto de uma nova sociabilidade.

Ricardo Crissiuma (UNICAMP)

Já em seus primeiros escritos, Hegel se esforçava por conceber uma Bildung a partir de uma sociabilidade que se afastasse dos padrões culturais forjados pela sociedade de corte do final do século XVIII. É, portanto, a busca dessa sociabilidade que vai, por um lado, determinar o foco da recepção hegeliana da Revolução Francesa e da filosofia prática kantiana, e, por outro, ser determinada por cada uma delas. A partir dessas coordenadas, acreditamos ser possível estabelecer um diálogo com a leitura que Paulo Arantes promove da formação da filosofia hegeliana nos ensaios “Questão de Tato” e “Quem pensa abstratamente?” contidos no livro que é o mote deste colóquio.

“Ao pensador as batatas?”: paradoxos do escritor intelectual.

Jorge de Almeida (USP)

A questão que pretendemos brevemente discutir, tendo como inspiração capítulos centrais de *O Ressentimento da Dialética*, é o modo como a dialética, diante das crises mundiais, pode também se instaurar enquanto forma literária, incorporando e expondo nas obras (particularmente nas de Goethe e Thomas Mann) algumas das principais contradições da filosofia alemã e europeia.

ALTOS E BAIXOS DA CRÍTICA DA IDEOLOGIA - quarta, 14, das 14:30 às 18h

Debatedora: Sílvia Viana (FGV)

As tias de Proust e a malandragem da dialética (Uma alusão a Paulo Eduardo Arantes).

Abrahão Costa Andrade (UFPB)

Como falar de si por volta de 1975, num tempo em que o sujeito, seja filosófico ou outro, encontrava-se em franco processo (ideológico) de desaparecimento? Como fazer frente à ideologia da morte do sujeito sem, todavia, cair no embaraço da “autoestima inflada do espírito cultivado”? A leitura do livro de Paulo Arantes depois da morte do sujeito e de sua recente reaparição impõe não só limitar a crítica da ideia do nada como, para fazer justiça a essa reaparição do sujeito, também identificar o sujeito redivivo ao nada reabilitado, para, por meio dessa dupla reabilitação, evitar as unilateralidades da ideologia.

O vínculo da letra e o do socialismo. Arantes sobre o futuro das ilusões Giovanni Zanotti (Istituto Italiano per gli Studi Storici)

Os vinte anos do *Ressentimento da dialética* foram os da afirmação global do neoliberalismo e da “crise terminal” de um ciclo da acumulação

capitalista. Como no livro de Arrighi do mesmo período, a crise pressentida modela a pergunta geral de Paulo Arantes, e a estratégia também é similar: a reconstrução histórica dos “ciclos” seculares nacionais (francês e alemão) da inteligência moderna serve, afinal, para pôr na sua devida perspectiva o “longo século Vinte” dos intelectuais, o dilema fundamental sendo o da Revolução abortada. A “dialética” que o livro procura compreender é, antes de tudo, descompasso real, e revela ao longo das análises algumas especificidades das situações de “atraso” histórico no processo do desenvolvimento desigual e combinado do capitalismo. Tal dialética real se exprime aqui numa série de oposições: intelectuais/povo, classes fundamentais/classes intermédias, nacional/cosmopolita, idéia/ideologia, teoria/crítica. Mas a dialética foi historicamente, ao mesmo tempo, a reflexão consciente dessas oposições. A apresentação desenvolverá alguns aspectos dessa duplicidade. Ponto de partida será a paradoxal vantagem cognitiva da “periferia”, tal como formulada por Arantes na esteira de Roberto Schwarz. Concentrando-se em particular sobre as conclusões programáticas na última parte do *Ressentimento*, assim como o escrito sobre Gramsci e alguns ensaios posteriores de crítica da filosofia contemporânea, será mostrado o papel desempenhado pelo conceito marxiano de ciência histórica nas análises de Arantes. Se a ideia européia moderna de uma “reforma intelectual e moral” é, por sua vez, socialmente produzida, na tradição materialista que assumiu essa mesma ideia (e que Arantes prossegue) se tentou em algum momento dar conta de um fato singular: como, e sob quais condições, uma ilusão necessária pode contudo se tornar verdade.

Ressentimentos à parte: os intelectuais e a consciência de classe

Wolfgang Leo Maar (UFSCAR)

Tendo em vista a experiência da razão dualista e das ideias fora do lugar da objetividade social nacional, como pensar a formação da luta de classes na dinâmica do capital na socialização vigente no Brasil? O capitalismo obriga-nos, agora todos seres cultos semi-formados, a pensar abstrata-

mente. Há – e por que deveria haver? - uma possibilidade de práxis crítica em relação a essa condição, sem que por esse aparecer se desconsidere o próprio ser?

CRÍTICA E NEGAÇÃO - quarta, 14, das 19:30 às 23:00h

O avesso do ressentimento.

Pedro Paulo Pimenta (USP)

Trata-se de examinar o livro do Paulo como parte de certa produção intelectual oriunda do Departamento de Filosofia da USP nas décadas de 1960-70 dedicada à compreensão do Idealismo Alemão. O livro de Paulo Arantes prolongaria essa tradição, ao mesmo tempo em que começa a romper com ela.

O intelectual sob suspeita

Maria Lúcia Cacciola (USP)

Trata-se de examinar a crítica ao intelectual feita por Hegel, segundo Kojève, no texto de Arantes “O paradoxo de intelectual” que teria como figura típica o Sobrinho da Rameau, personagem e título do diálogo de Diderot, no século XVIII, cuja caracterização se estende ao intelectual do XIX. Conversaremos sobre a interpretação de Hegel, esmiuçada por Arantes, cotejando-a com a de R.R.Torres Fº. no texto “Cinismo Ilustrado”, buscando estabelecer os parâmetros para se pensar esta figura que tem como pano de fundo a Cultura e a Civilização.

Em torno do niilismo: algumas observações acerca do idealismo alemão.

Eduardo Brandão (USP)

Tomando como ponto de partida a presença da noção de niilismo no idealismo alemão, pretende-se indicar como ele opera não só no inte-

rior de alguns movimentos desse idealismo, mas também nas filosofias de alguns de seus críticos.

FILOSOFIA E EXPERIÊNCIA INTELCTUAL – quinta, 15, das 11 às 13h

Debatedor: Felipe Catalani (USP)

Materialismo e déficit ontológico em Ressentimento da Dialética

Vladimir Safatle (USP)

[Resumo não informado]

[Título e resumo não informado]

Ricardo Musse (USP)

DESLOCAMENTO E FORMA LITERÁRIA - quinta, 15, das 14:30 às 18h

Debatedor: Pedro Mantovani (USP)

[Título e resumo não informado]

Anderson Gonçalves (USP)

Jean Maugüé, antecedentes de uma decisiva intervenção intelectual.

Denilson Cordeiro (UNIFESP)

Esses últimos vinte anos comportaram a significativa perda de importantes referências intelectuais que, no delicado e necessário processo de formação intelectual, faziam toda a diferença ao desmentir para os mais jovens o presente perpétuo, o trabalho emergencial e o voluntarismo inócuo pelas lições muitas vezes severas de que há mais história, mais filosofia e maior potência intelectual do que nossa vã ideologia de bolso poderia suportar.

Esta comunicação pretende lembrar os antecedentes de uma histórica e decisiva intervenção intelectual nos estudos de filosofia no Brasil. E gostaria

de esboçar a reconstituição de um clima específico de oportunidades e condições de formação cujo quadro mais geral e aprofundado está realizado no livro cujo aniversário comemoramos neste encontro.

Uma batida diferente

Priscila Figueiredo (USP)

A exposição se divide em duas partes. A primeira, mais breve, contará um pouco como *Ressentimento da dialética* foi providencial para que uma jovem mestranda em Literatura legitimasse e apurasse suas intuições a respeito de um romance pouco estudado de Mário de Andrade, *Amar, verbo intransitivo*. No segundo momento, a intenção é refletir sobre o estilo do prof. Paulo Arantes e o sentido que nele adquire a tendência sinóptica e o dinamismo da prosa, já presentes no livro de 1996 e intensificado em obras posteriores.

O FIO DA MEADA - quinta, 15, das 19:30 às 23:00h

Debatedor: José Fernando de Azevedo (EAD/USP)

A ironia da ironia objetiva - o fim do mundo

Marildo Menegat (UFRJ)

Sobre o conceito de 'ironia objetiva' e seu destino na crítica atual. As transformações do capitalismo e sua crise estrutural na segunda metade do século XX, levaram ao fim da *ilusão objetivada* do desenvolvimento desigual e combinado (uma 'ideologia abstrata do progressismo'), e tornaram a crítica do capitalismo na periferia um fenômeno 'invertido', mas (não sei se isto é uma sorte), definitivamente, não mais uma ilusão. O que resta da dialética anuncia agora as sequenciais do colapso da moderna sociedade produtora de mercadorias, ao qual, o centro não tem como saltar. O outrora 'atraso' se tornou a vanguarda do fim...

O proletariado como verdadeiro herdeiro do ressentimento alemão

Pedro Rocha de Oliveira (UniRio)

Apresentação e discussão da visão de Paulo Arantes sobre as representações do povo no idealismo, a repercussão dessas representações no materialismo dialético, e a relação entre essas imagens de povo e os respectivos discursos sobre o progresso civilizatório.

Um Paulo do contra e vivo

Isabel Loureiro (UNESP)

O que liga o jovem Paulo Arantes de *O ressentimento da dialética*, autor de uma história materialista da dialética moderna vista como “espírito de contradição organizado”, e o intelectual dissidente de hoje, difícil de enquadrar em esquemas? Qual a continuidade entre as reflexões dos remotos anos 1970 e as atuais? Será que podemos ver ontem e hoje nos seus escritos “Uma dialética puramente negativa, que não dissolve o mundo à maneira romântica, mas que se institui como cultura e política de oposição e resistência”? (Bento Prado Jr.)

POLÍTICA DOS INTELLECTUAIS - sexta, 16, das 14:30 às 18h

Debatedora: Cristina Daniels (USP)

Os intelectuais e o povo (ou uma dialética do ressentimento).

Bruno Carvalho (USP)

A exposição versa sobre o drama da relação entre os intelectuais e o povo no interior da tradição do pensamento alemão. Sem a pretensão de exaustão, a questão entra em cena a partir de um comentário de Adorno ao Fausto de Goethe no qual se resumem elementos significativos daquele difícil encontro. Com os personagens devidamente caracterizados (para o que contaremos com a ajuda do diretor, o percurso traçado pelo *Ressentimento da Dialética*), alguns elementos da figura mefistofélica do intelectual,

tal como Adorno concebe, estarão em cena. A depender da sua atribulada agenda, talvez possamos contar ainda com uma ponta de um certo personagem tupiniquim.

O homem só na república dos professores

Fernando Vidal Filho (USP)

Durante a *drôle de guerre* (1939-40), Sartre dá um balanço exaustivo de sua trajetória. Em seus *Diários*, revê o projeto filosófico que procurou cumprir até então. É onde se costuma reconhecer a gênese de *O ser e o nada*. Mas isso não é tudo. Num movimento coetâneo à transformação de sua filosofia, Sartre registra também uma transformação no modo como compreende sua situação de intelectual. Assim, em notas autobiográficas que se mesclam a avaliações críticas, expõe a gênese da figura do “homem só”, esse “personagem” que ele presumia encarnar e que obseda sua obra desde seus primeiros escritos. Tocado pela iminência da Guerra e pela “descoberta da História”, ele terá que descer de sua torre-de-marfim. É onde se começa a ver, em germe na obra de Sartre, suas ideias acerca do engajamento do intelectual. Tomando por base essas notas dos *Diários de uma guerra estranha*, tratarei de reconstruir, em linhas gerais, a figura do intelectual esboçada por Sartre; em seguida, verificar como ela se inscreve em certa linhagem francesa de figurações do intelectual. Nesse passo, pretendo desenvolver e discutir algumas observações de Paulo Arantes acerca da “questão dos intelectuais” presentes no ensaio “Quem pensa abstratamente?”

O Dragão Sem-Sistema contra a Santa Totalidade

Gilberto Tedeia (UNB)

A demanda crítica pelo lugar da fala do intelectual não raro incorre em pretensões de sistematizações estruturais ou diagnósticas que podem

se frustrar quando o objeto, como o gato da anedota, pula de lado, e se nega a portar o figurino bem-comportado do intelectual satisfeito em (pre)dizer o que as coisas são ou devam ser.

O PONTO DE VISTA DA PERIFERIA (encerramento) - sexta, 16, das
19:30 às 23:00h

Apresentação: Bruno Carvalho (USP)

Paulo Arantes (USP)